Delfim Santos,
Importância da caracterologia na educação,
1961, inserido em *Temática da Formação Humana*

VI
IMPORTÂNCIA DA CARACTEROLOGIA NA EDUCAÇÃO

A noção de carácter readquiriu nos últimos tempos fundo sentido na compreensão humana. Os estratos constituintes do homem são predominantemente três, que podemos designar por organismo, psiquismo e metalismo, condicionantes respectivamente da actividade vital, psíquica e mental. Se distinguirmos no orgânico a parte física, teremos quatro estratos e ainda cada um deles é susceptível de subdivisões para a organização do trabalho científico e compreensão total do homem. As modalidades constituintes de cada um desses estratos são diversas, como é evidente, se considerarmos a opulenta amostra que nos fornece o reino vegetal e o reino animal. O psíquico não é menos rico nas variantes do reflexo, impulso, instinto, emoção e inteligência. O que designamos por mentalismo é expressão de toda a cultura humana desde o primitivo manifestar-se da invenção mágica e artística até às mais altas formas de espiritualização da arte, da religião e da filosofia. De forma sucinta, podemos resumir o exposto afirmando que matéria, vida, psique e espírito são os quatro ingredientes fundamentais da constituição do homem e que só ele os possui a todos convergentes em actualização no seu corpo próprio. Esta diferenciação ontológica nem sempre ao longo da história se tornou evidente, como é manifesto nas tentativas de unificação metodológica a que se tem pretendido subordinar o conhecimento da complexa realidade. Os inconvenientes resultantes da unidade metodológica são facilmente explicáveis. Constituída uma ciência com base segura de fundamentação num destes estratos, tendem os seus cultores a utilizar os métodos que só a ela adequadamente servem. O prestígio da ciência constituída e garantida na sua utilidade obriga os cultores das ciências mais recentes, ao pretenderem apressadamente garantir para elas rápidos progressos, a imitar a constituição metódica das mais antigas. A história da ciência é exemplo admirável dos atrasos e equívocos, às vezes com perduração secular, resultantes do deslocado emprego de métodos sem radical base de adequação. Citemos a subordinação do orgânico ao mecanicismo da explicação física, do psíquico ao esquematismo do fisiológico e do espiritual à subordinação explicativa de tipo causal. Se hoje se admite e compreende com relativa facilidade a diferenciação do orgânico e do mecânico, do físico e do vital, nem sempre assim aconteceu.

A compreensão estrutural da realidade e a complexa integração das diferentes estruturas no homem não pressupõem a sua delimitação em autonomia, mas a integração em dependência. Se não há espírito sem a base psíquica da

consciência, e se a consciência não se afirma sem o suporte do vital e este sem o orgânico que lhe garante a possibilidade de manifestação, imediatamente se pode observar quanto o conceito de dependência tem valor recíproco de justificação. É o espírito que justifica a existência da matéria, mas é a matéria que permite a manifestação do espírito. Qualquer posição exclusiva, a partir de um dos estratos, na compreensão do mundo, é artifício que a si próprio se invalida. É o que acontece com o materialismo ou com o espiritualismo, pois um sem o outro perdem o sentido de compreensão para se tornarem apenas inexpressivos rótulos de ideologia falsificada. As citadas estruturas são interdependentes e podem, a partir do mais elevado, reduzir-se às de menor significação, embora mais fortes. Quando falta no homem a possibilidade convivente de ordem racional e de interpretação simbólica da experiência, ele aproxima-se de outra ordem de realidade, que não é decerto a hominal, e quando voluntária ou involuntariamente perde a própria consciência é relegado a inferior ordem de existência até que, quando reduzido a estrato unitário por abandono da vida, se identifica em absoluto com o que nunca foi. Estas considerações são impeditivas da interpretação dos fenómenos psíquicos a partir da fisiologia ou dos fenómenos vitais a partir exclusivamente do físico. Na actualidade compreende-se que o objecto da psicologia não pode consistir no estabelecimento de relações quantitativas entre o estímulo e a excitação, na composição artificial da percepção a partir de abstractas sensações, e que o saber da psique não pode ser estruturado como se fosse uma física da alma. Em conclusão: as ciências do psíquico, do espírito, do social, do cultural, não são susceptíveis da organização teórica e prática que é apropriada às ciências da natureza. Se a estruturação da ciência física no plano do macrofísico encontrou os princípios que a ordenam rigorosamente, como a relação da causalidade, a vida já não é susceptível de interpretação exclusivamente a partir desse princípio, dada a finalidade imanente dos fenómenos vitais e o mesmo se afirma para o estudo da ordem mais complexa do psíquico. A concepção estratiforme da pessoa humana tem correspondência com o desenvolvimento ontogenético do indivíduo humano. O trânsito da psicologia de tipo naturalista para a psicologia de tipo personalista efectuou-se nos nossos dias e é expressivo de novas tendências que procuram compreender melhor o homem a partir da noção de carácter.

A caracterologia permite notáveis aplicações e constitui um instrumento indispensável para a compreensão do homem. É de fácil comprovação que os movimentos expressivos, gestuais ou mímicos, verbais ou operativos, fazem parte dum conjunto sistémico de ordem existencial que revelam o homem. Pretendeu-se encontrar a base desta correlação na estrutura somática, ou morfológica, elaborada por Pende, Kretschmer e Sigaud, para apenas citar os mais conhecidos. São tentativas para o estabelecimento de tipologias ainda relacionadas com métodos e pontos de partida não apropriados para o estudo diferencial do indivíduo humano.

Passemos a expor resumidamente a tendência caracterológica devida aos trabalhos de Heymans e Wiersma, dois médicos holandeses que, após numerosos inquéritos comprovados estatisticamente, chegaram a conclusões de grande interesse. Esta corrente teve grande audiência em França, e a Le Seune se deve a constituição de uma escola com trabalhos valiosos dedicados ao estudo da infância e da adolescência, da inteligência geral e especial, da fisiognómica e da grafologia, etc. As propriedades constitutivas do carácter, segundo a referida escola, são a emotividade e a actividade. Estas duas propriedades podem possuir o mesmo grau de intensidade ou uma delas dominar a outra. A forma de manifestação quer de uma quer de outra pode ser impulsiva ou descontínua ou permanente e contínua. Se, para facilitarmos a exposição, designarmos por E a emotividade e por A a actividade e associarmos ao conjunto destas duas propriedades a forma de manifestação por P, quando é descontínua, e por S, quando é contínua, teremos, resultantes da combinação possível destes três elementos, oito grupos bem diferenciados. A expressão da ressonância, ou forma de manifestação, indicada por P e por S designa-se como primária e secundária. Estes diferentes tipos são designados da seguinte maneira: Emotivo-activo-primário ou *colérico;* emotivo-activo-secundário ou *apaixonado;* emotivo-menos-activo-primário ou *nervoso;* emotivo-menos-activo-secundário ou *sentimental;* menos-emotivo-activo-primário ou *sanguíneo;* menos-emotivo-activo-secundário ou *fleumático;* menos-emotivo-menos-activo-primário ou *amorfo* e menos-emotivo-menos-activo-secundário ou *apático*. «Menos» significa, neste caso, menor intensidade. Estes oito tipos são paradigmáticos e é possível determinar subtipos conforme o grau de dominância do E sobre o A ou do A sobre o E e estabelecer correlações entre os diversos tipos que possuem primariedade ou que possuem secundariedade como constante de manifestação. Esta estrutura radical condiciona, por exemplo, a inteligência que não é um dado original, mas consequência do tipo caracterológico. Se cada um destes tem o valor dominante que tende a realizar, tal valor orienta uma vocação e um destino; se assim é, não é difícil reconhecer que o estudo da caracterologia tem extraordinário valor na condução formativa do homem, na orientação escolar e profissional e em todas as ordens de manifestações da personalidade.

Vamos resumir as características fundamentais de cada um dos oito tipos, eliminando a fundamentação, que é mais difícil, e limitando-nos ao mais fácil; prevenimos que, apesar da aparente facilidade, não é de admitir o uso da classificação sem o prévio conhecimento da resposta a questionários e a comprovação de testes e técnicas projectivas de grande complexidade. Limitemo-nos aos resultados que facilmente sugerem que a caracterologia pode prestar serviços inestimáveis relativamente ao conhecimento do homem. As numerosas investigações podem permitir-nos um quadro sugestivo que nos permita compreender as bases de tal método. Por exemplo, considera-se o *colérico:* generoso, cordial, pleno de

actividade e de exuberância, optimista e de bom humor. Actividade intensa e múltipla. Politicamente interessado pelo povo, confia no progresso e é revolucionário. Dotado de aptidões oratórias, domina-o um valor: a acção. O *apaixonado* é um ambicioso que sabe realizar-se e a sua actividade é concentrada sobre uma única finalidade. Apto para o comando, sabe utilizar a violência. Honesto, procura a convivência em círculos restritos e é bom conversador. Toma profundamente a sério a família e a pátria e cumpre os preceitos da religião. É capaz de ascetismo. O valor dominante que o orienta é a obra a realizar. O *nervoso* é de humor variável e pretende surpreender e atrair a atenção dos outros. Indiferente à objectividade, embeleza a realidade pela imaginação e pela ficção poética. Gosto exagerado do bizarro e do negativo. Trabalha irregularmente e só no que lhe interessa. Precisa de excitantes para contrariar a inactividade e o aborrecimento. Inconstante nas suas afeições, tem como valor dominante o divertimento. O *sentimental* é o ambicioso que permanece no estado de aspiração. Meditativo, introvertido e esquizóide. Melancólico e descontente de si próprio. Tímido, vulnerável e escrupuloso, alimenta a vida interior em ruminação do passado. Não sabe entrar em relação com os outros e tende para a misantropia. Individualista, manifesta viva atracção pela natureza. O valor dominante é a intimização. O *sanguíneo* é extravertido, bom observador e dotado de notável espírito prático. Mundano, cortês na convivência, é irónico e céptico. Sabe lidar com os homens e é hábil diplomata. Liberal e tolerante em política, revela pouco respeito pelos sistemas de ideias e empresta maior valor à experiência. Oportunista, o seu valor dominante é o sucesso social. O *fleumático* é homem de hábitos, respeitoso dos princípios, pontual, objectivo, digno de fé e ponderado, de humor sempre igual, impassível, paciente, tenaz e desprovido de afectação. De civismo profundo, a sua religião reduz-se ao respeito de um código moral. Prefere os sistemas abstractos e as ideias gerais. O valor dominante que vivamente respeita é a legalidade. O *amorfo* é disponível, conciliante, tolerante por indiferença e, muitas vezes, de teimosia passiva muito tenaz. No conjunto forma o grupo numeroso dos designados por boas pessoas, isto é, sem características salientes no seu comportamento. Negligente e preguiçoso não é capaz de pontualidade. Pouco lhe interessa o passado e o futuro. O seu valor dominante é o prazer. O *apático* é fechado, secreto, voltado para si, mas sem vida interior notável. Sombrio e taciturno, raramente ri. Escravo de hábitos, é conservador. Firme nas inimizades, raramente se reconcilia. Fala pouco e aprecia a solidão. O seu valor dominante é a tranquilidade.

Este quadro, traçado por Berger, depois de numerosas investigações tendentes à elaboração da psicografia de cada grupo, é susceptível de mais rigorosa determinação. Seria possível indicar as personalidades históricas, nos diferentes domínios da cultura, que exemplificam o que o quadro indica como predominante. Em relação com a investigação caracterológica poderíamos associar o

estudo do destino humano a que Szondi dedicou alguns sugestivos trabalhos. Há em cada um dos grupos citados uma espécie de psicodialéctica do comportamento na realização da personalidade que assume formas inconfundíveis nas manifestações do líbido-genotropismo, opero-genotropismo, morbo-genotropismo e tanato--genetropismo, ou seja, na relação do homem com o amor, com o trabalho, com a doença e com a morte. Por agora, basta-nos indicar que os estudos de caracterologia nos permitem o conhecimento diferenciado do homem com maior rigor do que até hoje se julgava possível e que tais estudos são de grande interesse para a formação escolar e a orientação profissional. A formação humana radica na convicção de que o homem não é um ser da natureza como outro qualquer. A personalidade é transmutadora da natureza em história.

VII
EDUCAÇÃO E ANTROPOLOGIA

A educação pressupõe uma filosofia, e a filosofia, por sua vez, pressupõe, como é evidente, uma concepção do homem. A educação será, portanto, consequência directa de uma antropologia, pois, tendo por objectivo o homem, requer--se que acerca deste alguma coisa se saiba para que tenha algum sentido tentar educá-lo, isto é, conduzi-lo para a mais fácil apreensão dos valores de que, como homem, terá de tomar consciência ao longo da sua formação. Na composição dos termos *educação* e *pedagogia* encontramos a ideia de condução, e como conduzir implica saber «onde se está» e para «onde se vai», a pedagogia terá, antes de mais, de indicar qual é este «para onde», já que nele está implícito o para quê. Ao longo da história encontramos teorias da educação que propõem finalidades formativas, transformativas e adaptativas, mas, antes de mais, importa notar que a exigência de formação é anterior. O homem pode ser educado para si e, na ordenação dos deveres que compete à educação, sugerir que os primeiros são os deveres para consigo próprio. É o respeito de si que dá a cada homem o sentido de respeito pelos outros e seus valores. E quando isto não está bem assente e claro, e o respeito não se fundamenta no respeito de si, ocorre a farisaica atitude de respeito pelas aparências sem nada que possa garantir firmeza ou sinceridade. É claro que antes da ordenação dos deveres, que é o meio de valorização do homem, importaria tratar da questão mais importante que desde sempre o preocupa. No sentido corrente sempre se ilude esta questão. Interrogar sobre «que» é o homem, é colocá-lo ao mesmo nível da interrogação que se refere às coisas.